

Poemethos

Adroaldo Bauer

O teu beijo

É indével a tinta que usa,
traçando iluminuras no céu
da boca e na própria alma

O brilho a Lua emprestas

Emprestas beleza a Lua
E o próprio brilho à aura
dela flui da tua iluminura

Encanta a sereia

Traz-me a brisa o eco de um canto.
Na areia, arrolhada resta a mensagem.
Deliro, conheço apenas uma sereia.

Lua ensolarada

Na ponta dos dedos sinto tua aura amada
a alma nua de lua iluminada, e ensolarada.

*Não me penso modesto,
Apenas verso sem ser prosa*

Eu e tu, sem espelhos

Se me vês, sei que estou em frente a ti.
E assim também te vejo, o olho em mim.

*Se em silêncio me ouves,
também te ouvi.*

Aprendendo a ler e amando

Eu ainda saberei ler
E um dia poderei te dizer
O que tantas tuas letras
em mar revolto disseram-me
Que em ondas me arrebataram

Um sol que lava

Guardas do sol
um brilho tal
que lava a alma

Quando um é o outro

Há só uma humanidade
Há ou não a luz
A alma é que seduz

Compacto

O poeta já disse:
nada mais compacto
é do que o vazio é

Ferido de amor

amarrei-me
amei
rasguei-me

Da inconstância para o amor

Se fácil fosse ao mar
em lasso repouso estar
se deixasse o perene
ir e constante voltar
a areia fria o recebesse
em quente calmaria,
Existiriam a paixão
ou então o terno amor?

Outonal querência

As folhas loucas
em balé dos elementos
braseiros acalentam
Jogam o juízo ao vento
... Outono

*A lua me diz de flores e fantasias,
cores, brilho e perfumes.
Então, a lua me diz assim,
sem segredo,
tudo que sei de ti.*

O coração do poema

E porque amamos
é que seguimos renascendo

a cada verso,
morrendo
a cada antevisão
eis que o problema não está no poema,
o problema, adivinho, está no coração.

Procura

A dor de não encontrar
tanta terra e tanto mar
nem abraço nem porto
para meus ais
onde o cais?

Amargo

Bissetrizes bissextas
Sonho entre frestas
Não é o mate amargo
É o tanto que morro.

Porque sempre amarei

Espero quem não virá
desespero do que fui.

Nu e cru, um fio de navalha

Em essência, sobrepara o aroma da presença tua.
Passo a passo na linha, uma alma desalinhada, nua.
Enredado em teus cabelos, um fio de navalha, crua

A poesia deseja ardente

O querer indizível é
das castas criaturas,
e não existem adultas.
A poesia deseja ardente,
profundo ensejo:
o leito do poema.

Setas em brasa no coração

Embora sinceros de quem se vai
Conselhos são quando resta a paixão
setas em brasa no coração

Da cor, da flor, do amor

A mulher amada envia flores
O poeta enlouquece, lindas,
ambas, que são, alma e cor.

Curupira apaixonado

O curupira apaixonado, a si próprio enfeitiça
Faz das próprias pegadas paisagem, uma vista.

Mestiçagem

Doce mescla matinal
Leite branco virginal
café preto à natural

Pensando carnaval

Valete penando
Dama em Dia de Reis
Colombina serpenteando púrpura

Pierrot amarga rubro
Arlequim palhaço rindo

Saudades

Arfa o peito em solidão tamanha
A lembrança não é tanta, acalenta;
mas a dor já não mais espanta

Na descendente do plano inclinado

É já o limiar dessa minha transversal do amor
o pensamento oblíquo imensa dor há causado
A pedra rolante na descendente desse plano
É a parte inda viva do coração despedaçado

nós de nós

Desatento de nós
Eu te vi enleada
Novelo desenrolada
novela inacabada

De bronze

Torpor matinal
Angélico sinal

Solfa 1

Arrisco o risco
Telha de vidro
reflete corisco
Arranho a carne

Solfa 2

A festa que teu riso lindo em mim faz
deixa-me lasso, náufrago salvo em paz

Solfa 4 - De amar o vôo

Albatroz rasante voa
pela alva luz cegado
Revolta contra a rocha
revoluta, volta ao mar

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/poemethos>